

PROFESSORES INICIAM MOBILIZAÇÃO CONTRA PRECARIZAÇÃO DA PUC-SP

Reunidos presencialmente na sede da APROPUC, na terça-feira, 02/09, os professores da PUC-SP discutiram o adensamento da mobilização contra as atuais condições de trabalho na universidade.

Na reunião aberta de 19/08, os docentes levantaram uma série de problemas que vêm precarizando a vida cotidiana na universidade. Entre estes problemas certamente o contrato de trabalho ocupa um lugar de destaque. Hoje coexistem simultaneamente quatro tabelas salariais que, dependendo da forma e período da contratação do docente, fazem com que a mesma tarefa seja remunerada de formas diferentes.

As diferentes deliberações promulgadas pela Fundasp nos últimos anos retiraram dos professores ingressantes boa parte das conquistas históricas dos trabalhadores da PUC-SP, que fizeram desta universidade uma referência entre as instituições de ensino no Brasil. Assim, a jornada de trabalho remunerada com base nas 5 semanas letivas foi suprimida dos contratos de docentes ingressantes a partir de 2023. O tempo necessário para um contrato de tempo integral, que já vinha sendo atacado desde a maximização de 2007, passou de 17 horas para 20 horas semanais.

A isonomia salarial sofreu ataques constantes nas últimas décadas, fazendo com que os professores negros

recém-ingressantes, beneficiados pela política de quotas iniciada em 2023, sejam hoje os principais prejudicados pelas novas regras contratuais.

O professor Pedro Henrique Marinho, da Fachs e diretor da APROPUC afirmou ser inconcebível um professor ingressante, com tempo integral, recebendo menos do que o salário mínimo estipulado pelo Dieese, R\$ 7.229,32, como indispensável para sobrevivência. Por outro lado, hoje o novo contratado, mesmo sendo doutor, receberá indefinidamente como auxiliar de ensino, status diferente de um docente que ingresse na pós-graduação, que receberá

como doutor.

Ingerência da Fundasp

Em sua intervenção, a professora Madalena Guasco Peixoto, da Faculdade de Educação lembrou a interferência indevida da Fundasp no cotidiano acadêmico da universidade. Para a docente, os percalços que a PUC-SP vem passando não são exclusivos da instituição, mas refletem todo um processo de mercantilização do ensino superior brasileiro, com os empresários da educação implantando uma visão mercantil que tem no lucro sua principal forma de existência.

Madalena também destacou a

possível mudança do estatuto da Fundasp que vai no sentido de esvaziar o poder decisório da comunidade puquiana. Como foi informado na reunião do Consun de 27/08, a nova proposta estatutária da Fundasp levanta a possibilidade de escolha de um candidato a reitor que não seja docente da PUC-SP, além de retirar o direito de voz e voto da reitoria no Conselho superior da Fundasp.

A professora Priscila Cornalbas, ex-professora da Faculdade de Educação e ex-presidente da APROPUC, presente à assembleia, historiou a degradação da universidade a partir

Continua na página seguinte



Continuação da página anterior

da década de 1990, quando a ingerência da Fundasp começa a se fazer sentir, passando pela demissão de mais de 1000 trabalhadores em 2006, até os dias atuais.

Novos professores

A professora Bia Abramides, da Pós em Serviço Social, salientou a necessidade de aproximação com os novos docentes da universidade que, na prática, são os principais prejudicados com os novos contratos de trabalho. A presença destes docentes nas mobilizações da APROPUC já se faz sentir, mas ela precisa ser ampliada. A professora também ressaltou a decomposição pela qual a universidade passa quando o eixo ensino/pesquisa/extensão tornou-se uma abstração em função, princi-

palmente, do elevado tempo em sala de aula, que impede a prática de outra atividade, como a dedicação exclusiva com a pesquisa, por exemplo. Entre outras ações que se fazem necessárias no momento, foram citadas uma maior aproximação com o movimento estudantil que também sofre com a precarização da universidade. Na reunião também foi proposta a realização de uma pesquisa sobre o perfil sócioeconômico dos docentes da PUC-SP, para uma melhor visualização da situação econômica dos professores.

Propostas do movimento

Foi levantado como reivindicação principal que os professores estejam no seu plano de carreira equivalente à titulação e seus contratos sejam respeitados como tal. Como propostas de mobilização, os

presentes encaminharam a formação de comissões que discutam as condições efetivas de trabalho e convivência na universidade, para a produção de material de divulgação no PUCviva e tomada de posição docente.

Nesse sentido, foram criadas

três comissões que debaterão contrato de trabalho, autonomia universitária e transparência da PUC-SP.

Foi sugerida a data de 22/09, dia dos 48 anos da invasão da PUC-SP, para a realização de uma assembleia para balanço da mobilização.

Sobre os editais de bolsas da Pós-Graduação

A respeito dos editais de bolsa da Pós-graduação a Reitoria enviou ao PUCviva o comunicado, assinado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, que reproduzimos abaixo:

Prezados Coordenadores dos PPGs e Diretores de Faculdades,

Dando continuidade às ações da Pró-Reitoria de

Pós-Graduação, que visam à expansão da excelência acadêmica de nossa Instituição, informamos:

- 1) A PUC-SP participará do Edital CAPES Global e
- 2) A PUC-SP participará do Edital CNPq.

Cordialmente,
Prof. Dr. Antonio José Romera Valverde
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Prezado colega Professor(a)

Renove a sua adesão ao quadro Associativo da APROPUC!

Ainda não é associado? Associe- se já!

A Fundasp, a partir do Acordo Interno de Trabalho 2023/24 celebrado com a APROPUC/SINPRO, exigiu que o desconto associativo do professor em folha só será efetuado quando o docente manifestar sua concordância anualmente.

No atual Acordo Interno, a APROPUC negociou que a manifestação de concordância poderá ser feita com assinatura digital simples, sem a necessidade de reconhecimento de firma. Para isso, acesse e baixe o formulário em www.apropucsp.org.br/ficha-de-associacao e envie para apropuc@uol.com.br.

br. Professores que ainda não são associados, poderão preencher o mesmo formulário para efetuar a sua adesão ao quadro associativo da APROPUC. Nos últimos anos, os professores obtiveram ganhos significativos devido à luta da APROPUC contra as investidas da Fundasp para anular os direitos adquiridos dos professores.

A diretoria da APROPUC, em constante vigilância e luta, juntamente com os professores reunidos em inúmeras assembleias e com apoio dos funcionários e estudantes, reverteu a tentativa, por

parte da Fundasp, de reduzir o cálculo salarial das atuais 5 semanas para 4,5 semanas.

No final do primeiro semestre de 2023, a alteração contratual proposta pela Deliberação do CONSAD 1/2023 que provocaria perdas substanciais ao conjunto dos professores, podendo gerar demissões, foi revertida a partir de pronta ação da APROPUC em conjunto com o SINPRO. Esses ganhos para os atuais professores demandaram altos custos jurídicos e investimentos em comunicação. A sobrevivência financeira da

APROPUC está em jogo. Por isso, é fundamental que os docentes se manifestem e se associem. A luta continua em muitas outras frentes: inserção na carreira, professores demitidos no “limbo”, etarismo e outras.

PROFESSORA/PROFESSOR: RENOVE SUA ADESÃO À APROPUC!

ASSOCIE-SE JÁ!

Maiores informações poderão ser obtidas pelo telefone/WhatsApp: 11-3872-2685.

Diretoria da APROPUC

FALA COMUNIDADE

Paulo Freire, cenas de memória

Prof. Dr. Jorge Claudio Ribeiro

(Nascimento de Paulo Freire: 19/9/1921)

Tantas coisas já foram ditas e escritas sobre Paulo Freire, o que mais eu posso acrescentar? Vasculho minha memória e me deparo com reminiscências, quietinhas num canto. Toco-as de leve, ainda estão vivas. Trago-as agora, sem preocupação cronológica. Algumas são inéditas. Agradeço aos colegas professores a honra que me concedem de poder relatar essas lembranças.

Cena 1- Outubro do longínquo 1986. Caminhando pela calçada da Rua Bartira, em Perdizes, na direção ao campus da PUC-SP, onde eu lecionava, avistei logo adiante um colega que havia entrevistado para o jornal daquela Universidade, o *Porandubas* (nº 37, março/1981). A manchete proclamava, em letras garrafais: “O PAULO É NOSSO!

Vejo-o abatido, pele acinzentada, seu rosto espelha enorme tristeza, ofegando, arrasta os pés. Chupa prosaica bala de hortelã, parece que alivia. Me aproximo com jeito: “Olá, Paulo, o que houve?”. “Ah, Jorge... meu amor morreu em meus braços”, susurra. Refere-se a Elza, com quem foi casado por 42 anos e geraram cinco filhos. Nos abraçamos, em silêncio.

Uau! Então, aquele senhor era o Paulo Freire, o pelé da pedagogia mundial, o patrono da educação brasileira? É esse o Paulo Freire, preso em 1964 porque havia inventado um método que ensina o povo a ler e a pensar? Esse

mesmo, a quem o Inominável, sua família, seus milicianos e seus patrões do Norte, insultam sempre que podem? Pois é, foi com ele que me deparei na calçada de Perdizes.

Cena 2- Em 1991, fundei a editora, Olho d’Água. Num telefonema de apoio, apoio concreto, logo identifiquei cálida voz, com sotaque inconfundível: “Ó Jorge, topas retomar aquele projeto que iniciamos naquela outra editora, que te dispensou?”. Quase caí da cadeira. “Claro, Paulo, vamos sim. Viva!”.

Pois editamos suas obras, “Professora sim, ‘tia’ não: cartas a quem ousa ensinar”, “À sombra desta mangueira” e, depois, “Nita e Paulo”, de sua viúva. Os livros dele iam bem nas vendas e, periodicamente, eu fazia questão de ir a sua casa, na rua Valença 170, bairro do Sumaré, levar seu cheque de direitos autorais: nessa ocasião era brindando com cálida e nordestina acolhida e sábia conversa com ele e Nita. Abençoado pela aura que atravessava aquele ambiente, eu saía dessas visitas “em estado de graça”. Pura verdade.

Cena 3- Numa Bienal do Livro, levei Paulo para uma tarde de autógrafos. O estande era acanhado, como a própria editora. Então, eu precisava chamar pessoalmente a atenção das professoras que passavam por perto, distraídas: “Você está a meio metro de Paulo Freire e não vai fazer nada?”. Tomada de surpresa, ela localizava seu herói, soltava gritinhos de exclamação, chamava as colegas, cumprimentavam-no, sorriam-se, tiravam retrato, compravam os livros. Até fizeram fila.

Cena 4- Anistiado, Freire voltou ao Brasil, em 1980. Lembro-me que, ao desembarcar, ele foi recebido pela reitora Nadir Kfouri, da PUC-SP e mais um monte de gente, inclusive o onipresente Eduardo Suplicy. Acerca de seu retorno, Paulo se manifestou à TV de forma linda e poética, bem ao seu estilo: “Eu me olho a mim mesmo e me vejo feliz... quero dizer da ‘alegria quase menina’ com que chego de novo ao Brasil”.

Cena 5- Paulo se estabeleceu em São Paulo, passou a lecionar na Unicamp e sobretudo na PUC-SP, onde recebeu apoteótica acolhida no Tuca, o teatro dessa universidade. Eu estava lá.

Em 1988, o viúvo Paulo Freire casou-se com a educadora e escritora pernambucana Ana Maria Araújo, a “Nita”. Freire havia estudado, e depois lecionado, no Colégio Oswaldo Cruz, pertencente ao pai dela; conheceu-a menina e, depois de mil peripécias, orientou seu mestrado puquiano.

Nita perdera seu marido Raul; pouco depois iniciou o relacionamento com o educador. O amor cresceu, casaram-se. Ao receber o título de Doutor Honoris Causa na PUC-SP, em 23/11/1988, Paulo saudou Elza e Nita, dedicando a honraria “à memória de uma e à vida de outra”.

Cena 6- Recordo-me de um curso de alfabetização que implantei, assim que me tornei noviço jesuíta, lá em 1967. Nossa equipe se preparou estudando intensivamente “Educação como prática da liberdade”. Começaram as aulas, ministradas à população vizinha do seminário. No

primeiro círculo de cultura, a palavra geradora selecionada para debate foi TIJOLO. Na hora da ficha da descoberta, um aluno juntou no flanelógrafo dois quadrados de cartolina com as sílabas TI-TO. Perguntei se Tito era seu amigo. Esclareceu: “Não, professor, é tito de eleitor...”. Tomado de surpresa, parabenizei-o, e o convidei a formar a palavra “título”: a classe se envolveu numa discussão sobre cidadania.

Essa cena me remete aos versos de Thiago de Mello, amazonense universal. Assim ele encerra a “Canção para os fonemas da alegria”, dedicada a Freire: “Peço licença para terminar/ soletrando a canção de rebeldia/ que existe nos fonemas da alegria:/ canção de amor geral que eu vi crescer/ nos olhos do homem que aprendeu a ler”.

Cena 7- Na Introdução de “Professora, sim; tia, não – cartas a quem ousa ensinar”, que se tornaria best-seller da Olho d’Água, Paulo foi um bocado generoso:

“Não poderia encerrar esta introdução sem alguns agradecimentos. Em primeiro lugar, a Jorge Claudio Ribeiro, amigo e editor, que me pediu (e facilmente me convenceu) que eu escrevesse este livro já trazendo a nossa casa o próprio título do trabalho. A Jorge Claudio penso que devo não só agradecer a sugestão e o pedido que me fez mas elogiar, de um lado, o seu empenho para que o texto tomasse corpo, de outro, a fraterna posição que sempre assumiu sem jamais me telefonar a pretexto de nada para, no fundo, saber se eu

Continua na página seguinte

Continuação da página anterior

me achava ou não trabalhando no livro".

Lembro dos encontros preparatórios à redação do livro, sugeridos por Paulo e arranjados pelas professoras Suraia e Zaqia Jamal, a quem ele também agradece. Desses reuniões ainda participaram Moacir Gaddi e sobretudo as alunas do Magistério, a quem Paulo felicita por sua opção e pela partilha de "suas lutas e descobertas na etapa preliminar de produção deste livro".

Cena 8 - "À Sombra Desta Mangueira", pela Olho d'Água, é uma das obras mais pessoais e reflexivas de Paulo Freire, enriquecida com notas de Nita. Ali, Paulo relata,

com admiração, o momento miúdo em que, ainda jovem, uma cigana leu sua mão. Muitas décadas mais tarde, se perguntou: "Como pode uma pessoa analfabeta ler a palma da minha mão? Porque ela, mesmo sem saber ler palavras, sabia ler o mundo". Essa epifania foi saudada na canção "Beradêro", de Chico César:

"E os sem amor, os sem teto; os sem paixão, sem alqueire; no peito dos sem peito, uma seta; E a cigana analfabeto; lendo a mão de Paulo Freire".

Naquele momento, Paulo deu uma reviravolta epistemológica, ao não se ocupar do conteúdo da profecia da cigana. Atentou, sim, para a complementaridade entre saberes: o saber daquela mu-

lher (com sua prática divinatária, seu ganha pão), e o dele, alfabetizador e eterno aprendiz.

Cena última- Paulo Freire morreu de ataque cardíaco em 2/5/1997, devido a complicações decorrentes da desobstrução das artérias.

Pois na primeira "crônica de amor" do livro "Nita e Paulo", a autora relata a visita de luto que eu lhe fiz. Nessa intensa ocasião partilhamos sentimentos e Nita me contou histórias do casal. Nascia ali a ideia e o projeto da publicação desse livro, que ela escreveu para "matar as saudades de Paulo antes que elas me imobilizem". A escrita daquelas páginas ajudou a ser feliz outra vez, e a nós com ela, e com ele. Felicidade pega...

Enfim- Indignado com as injustiças, tolerante e amoroso com as pessoas, Paulo Freire vive e responde, como sempre respondeu, "presente!", à chamada da História. E lá vai ele pelas calçadas eternas, braços dados com a multidão, frevando no Carnaval cósmico, ao som emitido pelas esferas infinitas. Dando uma piscadela, como agora, de vez em quando acena para nós que, aqui embaloxo, o amamos.

Sua bênção, professor.

Jorge Claudio Ribeiro é ex-professor do Departamento de Ciência da Religião.

A comunicação acima foi apresentada no Sindicato dos Professores de São Paulo.

Semana de Ciências Sociais

debate racismo na modernidade

Na quarta-feira, 03/09, na PUC-SP, aconteceu o debate "Racismo: Facetas e configurações modernas". Promovido pelo curso de Ciências Sociais, a mesa contou com a participação de: Marilia Lins, Prof. Dr. Acácio Almeida, Prof. Dr. Rodolfo Avelino, Senhorita Bira e a mediação de Thiago Vilela.

Depois da implementação de políticas afirmativas, a população negra começou a frequentar mais o ambiente acadêmico, trazendo novos debates para as universidades. A PUC-SP, por exemplo, teve um protagonismo significativo com a implementação de quotas para professores negros. A instituição foi uma das que mais produziu

pesquisas sobre relações raciais no Brasil e contou com figuras importantes desse movimento que, no primeiro governo Lula, participaram da implementação das políticas afirmativas. Mas, ainda assim, existe um certo esvaziamento neste processo diante à configuração do racismo na modernidade, segundo o Professor Acácio. Esse cenário se mostra mais desafiador diante de um contexto global de incertezas. Os convidados apontaram que não existe estabilidade garantida, já que existe um movimento internacional de retrocessos políticos e sociais, com o fortalecimento de ideias conservadoras. Senhorita Bira afirmou que esse



A mesa do debate sobre racismo na Semana de Ciências Sociais

movimento também se reflete na geração Z, que reproduz posturas conservadoras e preconceituosas nas redes sociais.

A mesa fez parte da XXV

Semana de Ciências Sociais, o evento contou com 10 mesas ao longo da semana, que debateram racismo, mudança climáticas, política externa brasileira, entre outros.